

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Jornal do Brasil (RJ) Class.: 28

Data 17 de setembro de 1987 Pg.: _____

O índio atrás da câmara

Susana Schild

IRONIAS da civilização. Se o progresso é acusado de exterminar grupos e culturas ditas "primitivas", a tecnologia tem se revelado instrumento valioso da preservação — pelo menos visual — dessas mesmas culturas. E quem quiser viajar através do tempo e das mais diversas manifestações do homem no continente americano, deve acampar no longo fim de semana no MAM — sede, a partir de hoje, do Segundo Festival Latino-Americano dos Povos Indígenas, que extrapola seus domínios, a partir de terça-feira, também para o Cinema Ricamar e Estação Botafogo.

No programa, 15 realizadores e antropólogos do exterior, 80 filmes e vídeos de 12 países, seminários e exposições lançam no Brasil a Antropologia visual: uma nova visão do documentário antropológico. Cláudia Menezes, diretora do Museu do Índio, promotor do evento, lembra que "o documentário, para muitos, está num impasse; a sensação de se assistir sempre ao mesmo filme com um painel de clichês".

O festival discutirá a linguagem do cinema do documentário, da antropologia visual, enfim, entre representantes de vários países. Teremos filmes realizados pelos próprios índios, e essa recriação da realidade é sem dúvida um grande enriquecimento do gênero.

Um dos objetivos do festival é também romper o circuito restrito da Antropologia. Para democratizar a informação e a imagem antropológica, o festival terá um desdobramento: de 8 a 13 de setembro, 22 mil crianças da rede municipal e estadual assistirão a filmes da mostra no Cinema Ricamar. E o Estação Botafogo, nos dias 9 e 10, exibirá documentários sobre os esquimós Netsilik e sobre os aborígenes australianos.

A partir de agora, índio não quer mais apito. Quer câmara de filmar.



Xocó Cariri, de Cláudia Menezes, Asi pensamos, de Camilo Luzuriaga, República guarani, de Sylvio Back, e Shuar, de Lisa Faessler, oferecem visões de e sobre o índio em novo enfoque antropológico



Mais a mensagem do que o meio

Wilson Cunha

ROBERT Flaherty, Jean Rouch ou Joris Ivens. Estes nomes lhe dizem alguma coisa? Não? Bem. Robert Flaherty (1884-1951) é considerado o pai do "documentário" e, certamente, seria o avô do chamado filme antropológico se não tivesse com sua câmara conseguido fazer simplesmente cinema em momentos antropológicos como *Nanook* (1922) — a luta pela sobrevivência de um esquimó e sua família — ou *O homem de Aran* (1934) — a vida de um pescador na costa da Irlanda. Já Joris Ivens faria o documentário seguir campo mais definitivamente ideológico enquanto Jean Rouch utilizaria a câmara como "uma arma na documentação de suas pes-

quisas etnográficas na África," como assinala Ephraim Katz em sua *Film Encyclopedia*.

Se "existe uma lógica profunda na evolução das artes" como quer Elle Faure em *Fonction du cinéma*, as tentativas (ainda que não declaradas) destas vertentes estão em cada fotograma dos chamados filmes antropológicos — ou quaisquer outros rótulos que se lhes ponham. A intenção básica, claro, não é tanto "fazer cinema" mas servir (no caso) à causa dos indígenas. Algumas vezes, procura-se allar as duas possibilidades. No filme o equatoriano *Tiag* (1987) enquanto, em seus 50 minutos, Gustavo e Igor Guayasamin tentam flagrar, a vida de uma comunidade indígena, não se furtam em, reiteradas ocasiões, buscar a utilização do pôr-do-sol

em função cineticamente dramática...

No brasileiro *Povo da lua, povo do sangue*, baseado-se em pesquisas realizadas de 1972 a 1982, entre os Yanomani, Claudia Andujar trata de animar fotos para falar do universo cultural daquele povo enquanto o também brasileiro Sebastião Maria ganhou a confiança dos indígenas na tentativa de melhor mostrar — mesmo enquanto linear — o que é *Ser krahô*.

São pequenos exemplos pinçados do longo desta mostra, prolongando-se até o próximo fim de semana, e que encontra poderoso aliado na publicação de um caderno de texto — *Antropologia visual*. Não exatamente um tipo de cinema mas uma forma de abordagem, aqui reitera-se mais importante do

que o meio é a mensagem. Esta, sempre bem intencionada, chega algumas vezes ingênua em sua pretensão de salvar os valores indígenas — como acontece ao final de *Povo da lua, povo do sangue* — ou como está na própria estrutura do longa-metragem argentino *Gerônimo*: a longa saga de uma mulher mapuche e seus 4 filhos retirados de desérticas terras da Patagônia para serem destruídas pelas "civilização". O maniqueísmo se torna uma espécie de marca registrada — fruto, certamente, daquela paixão "tão desmesurada que ultrapassa o visor" como J. P. Mayer fala em seu *Sociology of film*. A quem estiver mais interessado na mensagem que no meio, o II Festival Latino-Americano de cinema dos povos indígenas, que se inaugura hoje na Cinemateca do MAM, é imperdível.